



Do mau-olhado ao *feed infinito*: o erotismo do olhar entre o Talmud e a Psicanálise From the Evil Eye to the Infinite Feed: The Eroticism of the Gaze Between the Talmud and Psychoanalysis

Pablo Schejtman*

União Israelita Porto-Alegrense (UIPA) | Porto Alegre, Brasil

pschejtman@gmail.com

Resumo: Na era da visibilidade total, o olhar é simultaneamente poder e vulnerabilidade. Este artigo investiga as arquiteturas do desejo que governam o ambiente digital. Propõe-se a realizar um diálogo entre duas tradições de pensamento sobre o olhar: a psicanálise, que revela a pulsão escópica como força constituinte do sujeito, e o Talmud, que oferece uma complexa ética da responsabilidade visual. O estudo demonstra como as plataformas digitais operam por meio de uma “agência sem intenção”, na qual algoritmos exploram o desejo humano de ver e ser visto, gerando um “mau-olhado estrutural” — uma inveja sistémica desprovida de um sujeito malicioso. Por intermédio de conceitos como *lifnei iver* (a proibição de facilitar a transgressão) e *tzniut* (recato), o artigo critica os *dark patterns* e a economia da auto-objetificação e esboça os princípios de um “design pelo recato”. A conclusão sustenta que a chave para a agência humana na era digital não reside na supressão do desejo, mas em habitar criativamente a tensão irredutível entre a lei ética e a pulsão inconsciente.

Palavras-chave: Pulsão Escópica. Ética Talmúdica. Algoritmos.

Abstract: In the age of total visibility, where the gaze is simultaneously power and vulnerability, this article investigates the architectures of desire that govern the digital environment. It proposes an innovative dialogue between two millennial traditions of thought about the gaze: psychoanalysis, which reveals the scopic drive as a constitutive force of the subject, and the Talmud, which offers complex ethics of visual responsibility. The study demonstrates how digital platforms operate through “agency without intention”, where algorithms exploit the human desire to see and be seen, generating a “structural evil eye” – a systemic envy devoid of a malicious subject. Through concepts such as *lifnei iver* (the prohibition of facilitating transgression) and *tzniut* (modesty), the article not only critiques dark patterns and the economy of self-objectification but also outlines the principles of “design through modesty”. The conclusion maintains that the key to human agency in the digital era does not lie in the

* Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de Belgrano e Rabino na União Israelita Porto Alegrense (UIPA).



suppression of desire, but in creatively inhabiting the irreducible tension between ethical law and unconscious drive.

Keywords: Scopic Drive. Talmudic Ethics. Algorithms.

Nunca fomos tão vistos, nem olhamos tanto. A cada instante, algoritmos decidem o que aparece em nossas telas, enquanto nossas imagens circulam por servidores que jamais esquecem. Essa condição, além de sua dimensão tecnológica, toca o cerne de como nos constituímos como sujeitos. Para compreender essa transformação radical, precisamos de ferramentas conceituais que transcendam análises superficiais sobre “vício em telas” ou “narcisismo digital”.

Este artigo propõe um diálogo entre duas tradições que, embora raramente conversem, oferecem perspectivas complementares sobre o olhar e a visibilidade: a psicanálise, com sua teoria da pulsão escópica (o desejo fundamental de ver e ser visto), e o Talmud, com sua complexa ética do olhar. Mais do que uma comparação acadêmica, essa abordagem revela como o desafio contemporâneo exige ambas as perspectivas – a psicanalítica, que desvenda os mecanismos inconscientes do desejo, e a talmúdica, que propõe arquiteturas éticas para sua gestão.

A urgência desta análise emerge de um paradoxo fundamental de nossa era: plataformas digitais exploram sistematicamente nossa pulsão escópica por intermédio do que chamaremos de “agência sem intenção” – sistemas algorítmicos que nos manipulam sem consciência própria, maximizando engajamento para fins comerciais. Este fenômeno desafia tanto a teoria psicanalítica tradicional (que pressupõe um Outro humano) quanto a ética talmúdica (que assume agentes morais conscientes), exigindo novas sínteses conceituais.

Ao longo deste artigo, demonstraremos como a tensão entre estas duas tradições – suma focada na ética do desejo singular, outra na responsabilidade comunitária – emerge como o recurso crítico necessário para navegar na era da transparência total.

1 O olhar algorítmico e a subjetividade vigiada

1.1 A economia do olhar digital: entre pulsão e capital

O *feed* infinito do Instagram, os vídeos curtos do TikTok, as *stories* que desaparecem em 24 horas – cada *feature* é meticulosamente projetada para capturar e monetizar nosso olhar. Para compreender essa arquitetura, precisamos, antes de tudo, entender o que Sigmund Freud chamou de pulsão escópica (*Schaulust*): o desejo fundamental de ver e ser visto que, segundo a psicanálise, constitui parte essencial de nossa subjetividade.



Freud, em seus *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*,¹ estabeleceu o caráter universal do prazer de olhar, integrando-o como um elemento fundamental da sexualidade humana. Essa descoberta antecipa de forma perturbadora nossa condição atual, na qual o *scroll* compulsivo e a checagem obsessiva de notificações revelam a força dessa pulsão em sua forma mais pura e explorada.

Jacques Lacan aprofundou essa análise com uma distinção crucial: não é o olho (órgão biológico) que importa, mas o olhar como função psíquica. Em seu *Seminário XI*,² ele articula que somos constituídos pelo olhar do Outro antes mesmo de podermos ver – uma ideia que ganha materialidade extrema quando consideramos que algoritmos nos “conhecem” (pelos nossos padrões de visualização) antes mesmo de nos conhecermos.

1.2 O mau-olhado estrutural: *ayin hará* sem sujeito

É aqui que o Talmud oferece uma provocação conceitual fascinante. O conceito de *ayin hará* (mau-olhado), discutido extensivamente em *Bava Metzia* 107b,³ sugere que “noventa e nove morrem do mau-olhado” – uma afirmação hiperbólica que, no entanto, reconhece o poder destrutivo do olhar invejoso. Tradicionalmente, o *ayin hará* pressupõe um sujeito consciente que direciona inveja ou malícia por meio do olhar.

O que encontramos nas plataformas digitais é algo radicalmente novo: um “mau-olhado estrutural” que opera sem sujeito consciente. O algoritmo do Instagram, por exemplo, ao decidir quais *posts* mostrar primeiro, cria hierarquias de visibilidade que geram inveja e inadequação – mas sem qualquer intenção maliciosa. É um *ayin hará* automatizado, despersonalizado, otimizado não para causar dano (embora frequentemente o faça), mas para maximizar *engagement*.

Essa síntese entre o olhar lacaniano (estrutural, constitutivo) e o *ayin hará* talmúdico (destrutivo, moral) nos leva ao conceito central de “agência sem intenção”. Os algoritmos possuem agência – eles tomam decisões, influenciam comportamentos, moldam subjetividades – mas carecem de intencionalidade no sentido moral. Essa combinação cria um tipo de força social que nem a Psicanálise nem o Talmud previram completamente.

1.3 *Lifnei iver* digital: a responsabilidade das plataformas

O princípio talmúdico de *lifnei iver* – literalmente “diante do cego” – proíbe colocar obstáculos no caminho de outros ou facilitá-los em transgressões.⁴ Tradicionalmente

¹ Freud, 1905.

² Lacan, 1964.

³ *Talmud Bavli*, 1990.

⁴ *Talmud Bavli*, 1994.



interpretado como uma proibição individual, esse conceito ganha nova urgência quando aplicado ao design de plataformas.

Considere os *dark patterns* onipresentes no *design* digital: notificações que exploram nossa ansiedade social, algoritmos que promovem conteúdo controverso porque gera mais engajamento, *features* como “visto por último” que transformam cada interação em vigilância. Cada um desses elementos viola sistematicamente o princípio de *lifnei iver*, facilitando comportamentos que as próprias plataformas reconhecem como problemáticos (vide os próprios relatórios internos do Facebook sobre danos a adolescentes).

Mas aqui surge uma complexidade: enquanto o *lifnei iver* tradicional assume agentes morais conscientes, as plataformas operam por intermédio de sistemas automatizados. Podemos atribuir responsabilidade moral a algoritmos? A resposta talmúdica seria transformar a questão: a responsabilidade recai não sobre os algoritmos, mas sobre seus criadores e operadores. O conceito precisa evoluir de uma proibição negativa (não facilitar transgressão) para uma obrigação positiva de *design* ético.

1.4 Estudo de caso: *stories* e a temporalidade da vergonha

Para concretizar esta análise, examinemos a *feature* “*Stories*” (Instagram, WhatsApp, Facebook), que permite *posts* que “desaparecem” após 24 horas. Através de nossa lente dupla, podemos discernir várias camadas.

Em primeiro lugar, a Perspectiva Psicanalítica: Os *Stories* mobilizam o que Lacan chamaria de “objeto a” – o objeto-causa do desejo que é sempre elusivo. A temporalidade limitada intensifica a pulsão escópica: precisamos ver antes que desapareça, criando urgência artificial. Simultaneamente, a “desaparição” promete aliviar a ansiedade da permanência, permitindo uma exposição “segura”.

A seguir, a Perspectiva Talmúdica: O conceito de *marit ayin* – preocupação com aparências enganosas – é simultaneamente exacerbado e aliviado. Por um lado, a efemeridade sugere menor responsabilidade sobre como seremos vistos. Por outro, a possibilidade de *screenshots* significa que nada realmente desaparece, criando uma categoria de transgressão: a captura não autorizada do efêmero.

Os *Stories* representam uma “arquitetura da transgressão permitida” – estruturam um espaço onde a exposição excessiva é normalizada sob o pretexto da temporalidade. É *lifnei iver* elevado a *design pattern*: facilita a autoexposição problemática enquanto mantém a ilusão de controle.

2 O colapso do consentimento e a arquitetura da transgressão

2.1 Para além do clique: repensando consentimento na era digital



O modelo de consentimento digital – baseado em “aceitar termos” e “configurações de privacidade” – representa um colapso fundamental de nossa compreensão prédigital de acordo e agência. A psicanálise nos ajuda a entender por quê: o consentimento pressupõe um sujeito autônomo e consciente, mas Lacan demonstra que somos sempre divididos, atravessados por desejos inconscientes que não controlamos plenamente.

O Talmud adiciona outra camada de complexidade por intermédio do conceito de *ones* (coerção). Em *Bava Kama* 28b, discute-se extensivamente quando ações são consideradas involuntárias devido a circunstâncias coercitivas. No ambiente digital, enfrentamos o que poderíamos chamar de “*ones* estrutural” – uma coerção *soft*, mas pervasiva na qual a alternativa ao consentimento é a exclusão social.

2.2 *Dark patterns* como violação sistemática

Os *dark patterns* – interfaces projetadas para manipular usuários – representam uma categoria única de transgressão ética. A seguir veremos alguns exemplos.

- 1) “*Roach Motel*” (fácil entrar, difícil sair): Serviços que tornam a inscrição instantânea, mas o cancelamento labiríntico. Isso viola tanto o princípio de *geneivat daat* (roubo de entendimento) quanto explora o que a psicanálise identifica como resistência à perda;
- 2) “*Confirmshaming*”: *Pop-ups* que usam linguagem manipulativa (“Não, eu não quero economizar dinheiro”). Isso mobiliza o superego, essa instância psíquica que Freud identificou como fonte de culpa e autopunição;
- 3) “*Infinite Scroll*”: O feed sem fim explora diretamente a pulsão em sua dimensão mais compulsiva – o que Lacan chamaria de *jouissance*, um gozo excessivo que vai além do prazer.

2.3 O feminino digital e a economia da auto-objetificação

A experiência feminina nas plataformas digitais expõe, de forma aguda, as limitações de ambas as tradições teóricas, historicamente centradas na experiência masculina. Como observa Luce Irigaray em *Speculum of the Other Woman*,⁵ a psicanálise, tradicionalmente, posiciona o feminino como o “continente negro” – invisível ou definido apenas em relação ao masculino.

Jessica Benjamin, em *The Bonds of Love*,⁶ oferece uma correção crucial ao postular que o desenvolvimento da subjetividade articula de forma inseparável a experiência de ser visto com a capacidade de reconhecer o outro como sujeito. As plataformas digitais, no entanto, estruturam uma economia onde mulheres são incentivadas a se auto-

⁵ Irigaray, 2017

⁶ Benjamin, 2018



objetificar para ganhar visibilidade, enquanto, simultaneamente, são punidas por essa mesma visibilidade.

O conceito talmúdico de *tzniut* (modéstia/recato) oferece aqui um recurso inesperado. Tradicionalmente mal-interpretado como simples pudor, *tzniut* propõe algo mais radical: uma economia na qual o valor não deriva da exposição máxima. Em *Berachot* 24a, a discussão sobre *kol isha* (a voz feminina) – embora problematizante restritiva em sua aplicação histórica – intui algo que as plataformas de áudio hoje confirmam: existem múltiplas modalidades de exposição e voyeurismo além do visual.

2.4 *Teshuvá* digital: a possibilidade de transformação

O conceito talmúdico de *teshuvá* (retorno/arrependimento) oferece um contraponto crucial ao determinismo estrutural. Enquanto a psicanálise lacaniana tende a ver as estruturas subjetivas como relativamente fixas, a *teshuvá* insiste na possibilidade sempre presente de transformação radical.

Em *Yoma* 86b, o Talmud distingue entre níveis de *teshuvá*, desde o arrependimento por medo até a transformação por amor, na qual “transgressões intencionais tornam-se méritos”. Aplicado ao contexto digital, isto sugere que nossa aparente adição coletiva não é um destino selado. A possibilidade de transformação opera em múltiplos níveis, do individual ao estrutural, concretizando-se através de regulação, design alternativo, e novas normas culturais.

3 Resistência e recato: uma política da visibilidade

3.1 *Tzniut* como resistência: do individual ao estrutural

O conceito de *tzniut*, quando libertado de suas aplicações androcêntricas históricas, emerge como uma forma potente de resistência à economia da atenção, ao recusar a equação visibilidade = valor que estrutura as plataformas digitais. Movimentos contemporâneos como “digital minimalismo” e “dopamine detox” podem ser lidos como formas seculares de *tzniut*. Mas precisamos ir além das soluções individuais. O que seria um “*Tzniut by Design*” – arquiteturas de plataforma que incorporam o recato como princípio fundamental?

3.2 Princípios para um *design* pelo recato

1) Opacidade seletiva é o primeiro deles. Em vez de transparência total por padrão, as plataformas poderiam oferecer graduações de visibilidade. Imagine um Instagram onde *posts* são visíveis apenas para grupos específicos por padrão, no qual viralização requer consentimento explícito, em que métricas de engajamento são privadas;

2) Fricção positiva. O Talmud frequentemente introduz “cercas ao redor da lei” (*syag laTorá*) – restrições adicionais que previnem transgressão. No *design* digital, isto



poderia significar *delays* intencionais antes de postar, *prompts* de reflexão (“Você realmente quer compartilhar isto?”), limites diários de *posts*;

3) Temporalidade alternativa: Em vez da urgência constante do “tempo real”, plataformas poderiam operar em ciclos mais humanos. O conceito de *Shabat* – um tempo de desconexão obrigatória – oferece um modelo para “*sabbaths* digitais” integrados na própria arquitetura das plataformas;

4) Métricas de bem-estar. Em vez de otimizar apenas para “*engagement*”, as plataformas poderiam medir e otimizar para bem-estar. O conceito talmúdico de *simchá* (alegria) – distinto de prazer momentâneo – sugere métricas alternativas focadas em satisfação sustentável.

3.3 Ferramentas de autorreflexão: um guia prático

Derivando de nossa análise, propomos três perguntas-chave para reflexão antes de qualquer ato de exposição digital:

- 1) Teste de Marit Ayin: “Como isto pode ser percebido fora de contexto? Estou preparado para as interpretações mais desfavoráveis?”;
- 2) Análise do Desejo: “Que vazio estou tentando preencher com este post? É reconhecimento, validação, conexão genuína?”;
- 3) Responsabilidade *Lifnei Iver*: “Meu conteúdo pode facilitar a vulnerabilidade de outros? Estou normalizando comportamentos problemáticos?”.

3.4 O *oneg* digital: repensando o gozo *on-line*

Lacan distingue entre *plaisir* (prazer regulado) e *jouissance* (gozo excessivo, potencialmente destrutivo). As plataformas digitais são arquitetadas para *jouissance* – o *scroll* infinito, o *binge-watching*, a checagem compulsiva de notificações.

O conceito talmúdico de *oneg Shabat* (deleite do *Shabat*) oferece uma alternativa fascinante. Em *Shabat* 118b,⁷ descreve-se um prazer que não é transgressivo, mas prescrito, não individual, mas comunitário, não excessivo, mas sustentável. Transposto para o digital, isso sugere a possibilidade de plataformas que estruturam satisfação por meio de limites, não apesar deles.

Imagine redes sociais com “horários de funcionamento”, *feeds* que terminam, interações que priorizam profundidade sobre volume, numa clara expressão de *design* intencional para o bem-estar sustentável.

4 Metodologia para o discernimento na era da transparência

4.1 Quando a patologia se torna norma: o desafio diagnóstico

⁷ *Talmud Bavli*, 2001



A universalização de comportamentos antes considerados patológicos – voyeurismo e exibicionismo compulsivos – cria um desafio diagnóstico único. Como distinguir entre uso normal e problemático quando o problemático se tornou estatisticamente normal?

O Talmud oferece uma distinção útil entre *l'chatchila* (ideal *ab initio*) e *b'dieved* (aceitável *post facto*). Essa estrutura permite reconhecer a realidade sem normalizá-la. Sim, a maioria de nós exibe comportamentos voyeurísticos-exibicionistas *on-line* (*b'dieved*), mas isso não significa que seja saudável ou desejável (*l'chatchila*).

4.2 *Svara* digital: desenvolvendo raciocínio crítico

O método talmúdico de *svara* (raciocínio lógico) oferece ferramentas para discernimento crítico. Assim como o Talmud em *Kidushin* 81a⁸ analisa como o desejo pode se fixar em qualquer objeto (até um “dedo mindinho”), precisamos desenvolver *svara* digital – a capacidade de identificar como *features* aparentemente neutras são *weaponizadas* para exploração psíquica.

Por exemplo: o “visto por último” do WhatsApp parece uma *feature* informativa neutra. Análise via *svara* revela: transforma cada não resposta em *statement*, cria vigilância mútua, monetiza ansiedade social. É *lifnei iver* embutido em código.

4.3 Uma abordagem terapêutica integrativa

Nossa análise sugere uma abordagem terapêutica que integra *insights* psicanalíticos e talmúdicos:

- 1) Reconhecimento da pulsão: aceitar, via psicanálise, que o desejo de ver e ser visto é constitutivo, não patológico em si;
- 2) Análise da exploração: edentificar como plataformas específicas exploram essas pulsões para fins comerciais’
- 3) Desenvolvimento de agência: mobilizar o conceito de *teshuvá* – não como repressão moralista, mas como capacidade de transformação consciente;
- 4) Construção de alternativas: desenvolver práticas e estruturas (pessoais e comunitárias) que satisfaçam as pulsões de forma não exploratória;
- 5) Ação coletiva: reconhecer que soluções individuais são insuficientes; mudança estrutural requer ação coletiva – regulação, *design* alternativo, novas normas culturais.

Conclusão

⁸ Talmud Bavli, 2001



Este artigo demonstra como o voyeurismo e o exibicionismo na era digital transcendem a categoria de simples vícios individuais para se revelarem como condições estruturais de nossa época.

A tensão entre a perspectiva psicanalítica (focada na ética do desejo singular) e a talmúdica (priorizando responsabilidade comunitária) não é uma fraqueza teórica a ser resolvida, mas precisamente o recurso crítico necessário. A psicanálise nos protege da ingenuidade moralista, lembrando que o desejo não pode ser simplesmente reprimido. O Talmud nos protege do cinismo determinista, insistindo que transformação é possível e que existem valores – privacidade, dignidade, santidade – para além da economia libidinal.

Nossa análise revela três imperativos para a era digital:

1. Reconhecer a “Agência sem intenção”: Os algoritmos representam uma nova categoria de força social que desafia tanto a teoria psicanalítica quanto a ética talmúdica tradicional. Precisamos de novos *frameworks* que capturem essa realidade;
2. Desenvolver “Arquiteturas de resistência”: Do conceito de *tzniut* ao princípio de *oneg*, as tradições antigas oferecem recursos para imaginar plataformas que servem ao bem-estar humano, não à exploração de vulnerabilidades;
3. Manter a “Tensão produtiva”: Entre lei e desejo, individual e comunitário, exposição e recato. É nesta tensão – não em sua resolução – que reside a possibilidade de agência humana.

A tarefa não é escolher entre a Psicanálise e o Talmud, entre aceitar ou reprimir o desejo. É habitar criativamente a tensão entre eles, usando cada perspectiva para iluminar os pontos cegos da outra. Em uma era na qual algoritmos prometem conhecer nossos desejos melhor que nós mesmos, a privacidade se torna suspeita e a exposição compulsória, precisamos de toda a sabedoria disponível – antiga e moderna, religiosa e secular, analítica e ética.

O futuro do olhar humano na era digital depende de nossa capacidade de resistir tanto ao determinismo tecnológico quanto ao moralismo reativo. Entre a lei que nos constitui e o desejo que nos move, entre o olhar que nos captura e a dignidade que reivindicamos, existe um espaço – estreito, mas essencial – para a agência humana. É nesse espaço que devemos aprender a habitar, individual e coletivamente, se quisermos manter algo reconhecivelmente humano na era da transparência total.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

- BENJAMIN, J. *Los lazos del amor: Psicoanálisis, feminismo y el problema de la dominación.* 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2018.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BLEICHMAR, S. *Las teorías sexuales en psicoanálisis: Qué permanece de ellas en la práctica actual.* Buenos Aires: Paidós, 2014.
- BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CASTELLS, M. *Redes de indignación y esperanza: Los movimientos sociales en la era de internet.* Madrid: Alianza Editorial, 2015.
- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros.* São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, C. I. L. *Reinvenção da intimidade: Políticas do sofrimento cotidiano.* São Paulo: Ubu, 2017.
- FERNANDES, M. H. *Corpo.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (Edição e tradução.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 119-231.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas:* SOUZA, P. C. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, p. 13-122.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- HAN, B.-C. *La sociedad de la transparencia.* Barcelona: Herder, 2017.
- HAN, B.-C. *No enxame: Perspectivas do digital.* Petrópolis: Vozes, 2018.
- HARARI, Y. N. *Homo Deus: Uma breve história do amanhã.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- IRIGARAY, L. *Espéculo de la otra mujer.* Madrid: Akal, 2017.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões.* São Paulo: Boitempo, 2009.
- KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.* São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPOUJADE, D. *As existências mínimas.* São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEBRUN, J.-P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NASIO, J.-D. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NOVAES, J. V. *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

PELBART, P. P. *Ensaios do assombro*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA JUNIOR, N. *O silêncio do trauma: psicanálise e literatura*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

TALMUD BAVLI. *Tratado de Baba Metzia*. New York: ArtScroll/Mesorah Publications, 1990.

TALMUD BAVLI. *Tratado de Avodá Zará*. New York: ArtScroll/Mesorah Publications, 1994.

TALMUD BAVLI. *Tratado de Kidushin*. New York: ArtScroll/Mesorah Publications, 2001.

TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Lisboa: Caminho, 2013.



TIBURI, Marcia. *Olho de vidro: a televisão e o estado de exceção da imagem*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Unicamp, 2010.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VORSATZ, Ingrid. *Antígona e a ética trágica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Enviado em: 10/10/2025.

Aprovado em: 30/10/2025.